

Operações de Gênero – o filme XXY (2007) e a produção do corpo e do sexo como ‘naturais’

Gender operations: the film XXY (2007) and the constitution of the body and sex as “natural”

Luciana Fogaça Monteiro y Henrique Caetano Nardi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lu_moa@yahoo.com - hcnardi@terra.com.br

Resumen

Inspirados na concepção foucaultiana do corpo como superfície de inscrição da história e apoiados nas contribuições de Judith Butler acerca da materialidade dos corpos, o presente artigo trata de problematizar a forma como concepções normativas e binárias de gênero operam de forma a constituir um campo de inteligibilidade para os sujeitos e seus corpos. Para tanto, utilizamos como ferramenta de análise o filme XXY (2007), que conta parte da história e do drama de Alex, uma jovem intersexual. A proposta é, através da história de Alex, argumentar sobre como o gênero age no processo de naturalização dos corpos, definindo seus contornos e os limites de sua ação e seus prazeres. Desta forma, corpos e sujeitos que não correspondem ao ideal normativo são lançados no domínio daquilo que Butler chamou de “corpos abjetos”. A idéia aqui é, através da história trazida pelo filme, entender como concepções amalgamadas do gênero operam tanto sobre corpos considerados “anormais” quanto os considerados “normais”, afetando a todos.

Palabras clave: Intersexualidade; Abjeção; Corpo; Cinema; Gênero

Abstract

Based on Foucault's concept of the body as the surface of inscription of history, and on the work of Judith Butler, this article questions the way that binary and normative conceptions of gender operate in the constitution of a field of intelligibility for subjects and their bodies. We analyse the film XXY (2007) that tells the story of Alex, an intersexual adolescent. We use the main character's story to see how gender norms act to shape bodies and limit their pleasures. We argue that subjects and bodies that do not correspond to the normative ideal are seen as “abject bodies”, following Butler's definition. The argument is that gender norms operate on all bodies: the normal and the abject.

Keywords: Intersexuality; Abjection; Body; Cinema; Gender

O filme XXY (2007), uma premiada co-produção argentino/franco/espanhola, colocou na pauta do dia uma importante reflexão acerca da produção biomédica dos corpos, das possibilidades que estes corpos têm de escapar de um processo normalizador e produzir resistência frente a um aparato discursivo que os define. Finalmente, coloca em xeque a suposta estabilidade da relação sexo-gênero-sexualidade ao evidenciar o quanto o olhar gendrado e binário produz a “naturalidade” dos corpos, seu nexos, seu sexo, seu desejo. O título do filme já evoca a construção da inteligibilidade dos sujeitos a partir do discurso da biologia/genética; ou seja, a verdade sobre o sexo dos corpos deve ser encontrada nos cromossomas

quando a “evidência” da genitália não for suficiente para operar a divisão binária da sexuação. O debate contemporâneo proposto pela teoria Queer a partir da performatividade do gênero (Butler, 1990, 1993, 2001) possibilitou a desconstrução da matriz biopsicológica como definidora das divisões hierárquicas e binárias que operam a produção de subjetividade no que diz respeito aos corpos/identidades/desejos. Neste debate a intersexualidade (Butler, 2004; Machado, 2005; Cabral, 2005) pode ser pensada do ponto de vista ético-político, evidenciando as relações de poder/saber/verdade que atravessam as práticas e os discursos biomédicos e psicológicos na determinação do que seria um corpo inteligível.

O filme conta a história de Alex, uma jovem que nasce com o que a medicina define como genitália ambígua - o que hoje é chamado na ciência biomédica de “condição intersexuada”. Alex (nome que desde já produz a sensação de ambigüidade) é produzida como menina pelos pais e pelos medicamentos. Apesar do recurso às drogas para conter a produção hormonal que virilizaria seu corpo, os pais tentam protegê-la do alvoroço biomédico que se instala ao seu redor no momento de seu nascimento. Como forma de escapar de toda a curiosidade diante deste corpo ‘estranho’ de bebê, a família decide morar em uma pequena cidade na costa do Uruguai. Num ato de resistência às imposições médicas, seus pais optam por não permitir cirurgia nos genitais de Alex, deixando para que esta decida quando tiver condições para tal. Lá Alex vive uma infância parcialmente protegida – isso porque não sem medos, angústias ou dúvidas.

A história se inicia no momento em que, chamados pela mãe de Alex, um cirurgião, sua mulher e seu filho de 16 anos vão passar uma temporada de férias na casa da família. Alex é apresentada no filme como uma adolescente de quinze anos que vive um momento de curiosidade e de descoberta do prazer que pode obter com seu corpo; ao mesmo tempo, parece que este corpo estranho se choca com a cultura (materializada aqui pela revelação de seu ‘segredo’ na escola) e esta lhe impõe ter de decidir os rumos de suas escolhas afetivas e sexuais. Este corpo ‘distinto’ é um complicador na vivência de um período que na cultura ocidental emerge como o da ‘explosão dos hormônios’, questionamento de valores, separação dos pais, definição e experimentação da sexualidade. A partilha deste momento com o grupo de amigos/as faz emergir a questão de um corpo que até aquele momento existia sob a égide do segredo. Existe uma explosão discursiva sobre este momento da vida (‘a adolescência’) nas sociedades ocidentais que impõem definições aos sujeitos e é este momento que o filme utiliza para expor a tensão das escolhas quando a coerência exigida/criada pela norma encontra resistência. Não se trata aqui de localizar a resistência em certa verdade biológica do corpo, mas sim na ininteligibilidade de existir na ambigüidade. Um corpo descrito como ambíguo produz na cultura como uma existência não viável. Esta inviabilidade localizada no corpo evidencia o peso do gendramento como definidor das possibilidades de inteligibilidade da vida e das posições de sujeito na estrutura social.

A chegada dos visitantes ilustra a tensão produzida pela imposição de definições que atendam à matriz binária. Alex percebe que aquela visita representa muito mais do que o simples descanso litorâneo. O intuito desta é, ora de forma mais velada, ora de forma mais explícita, convencer a Alex e seu pai da importância da cirurgia “corretiva” ou, como muitos ativistas intersexuais acusam, “normalizadora” (Machado 2005, Cabral, 2005), mas entendida como importante para o “pleno desenvolvimento psicossocial”.

Michel Foucault (1979a) ao abordar as relações entre o corpo e a história, descobriu a aparente naturalidade e fixidez dos corpos. Seguindo o autor podemos pensar o corpo como “superfície de inscrição” de discursos que o marcam, atribuem-lhe significados, lhe penetram, o produzem, rasgam,

cortam, perfuram. Diz Michel Foucault, em sua definição de genealogia: “a genealogia, como análise da proveniência, está no ponto de articulação do corpo com a história” (1979a, p. 22). Não se trata, portanto, de se buscar uma origem, uma instância corporal chamada “sexo” anterior a sua entrada discursiva, mas de pensar como a própria categoria, tida como natural, é materializada através daquilo que é tomado como dado cultural e histórico. Na apresentação feita por Michel Foucault (1978) das memórias de um hermafrodita do século XIX, Herculine Barbin, nos deparamos com o risco de se pensar em uma sexualidade anterior a norma. Ao descrever um suposto “limbo feliz de uma não identidade” anterior à imposição da sexualização binária (representada pela intervenção médico-jurídica), Michel Foucault cai em uma armadilha que contradiz sua própria definição de poder. Segundo Judith Butler (1990) o relato de Herculine sobre suas experiências já demonstra a produção da norma com relação à diferença sexual. Ao discutir a naturalização da categoria mulheres, e a idéia de um paraíso pré e/ou pós- patriarcado, Butler toma para analisar a categoria gênero o sentido forte do conceito de poder como produtivo em Michel Foucault. A autora introduz a discussão do conceito de gênero sobre o qual Foucault pouco ou nada disse.

A produção teórica de Judith Butler (1990; 2004; 1993) nos permite pensar o gênero como produção cultural a partir da diferença sexual; pode-se pensar o gênero como operador fundamental destas diferenças. Conferimos inteligibilidade ao humano a partir do reconhecimento que este é, desde já, imbuído de uma concepção binária do gênero como dividido entre masculino e feminino, o qual transforma e produz a materialidade dos corpos sexuados. Segundo Judith Butler (1990), o gênero é um meio discursivo através do qual se produz uma “natureza sexuada” que acaba por se estabelecer como um *a priori* cultural.

A história de Alex vai nos servir como fio condutor desta análise, mostrando o quanto o gênero opera (e no caso dos sujeitos intersexuados, literalmente) para exigir uma anatomia correspondente aos ideais de feminilidade e masculinidade.

Alex: um corpo que escapa

As primeiras imagens do filme evocam fluídos, glândulas, o interior de um corpo; poder-se-ia também pensar que são imagens minúsculas de seres no fundo do mar, de pulsações, de espécies. Talvez essa fosse a intenção da diretora: mostrar fragmentos de vida e de corpos construídos pelas lentes do fisiologista, do médico ou do biólogo. A vida e o corpo ganham sentido a partir de sua nomeação pela ciência.

Na seqüência, dois corpos anônimos correm. A diretora chama a atenção para eles; são estes os corpos olhados; e, apesar do olhar que busca os fixar, correm, movimentam-se fugazes. Estas figuras em movimento são os corpos das personagens; mas também se relacionam aos corpos expectantes presentes na platéia. Algo nos diz respeito. Esta primeira cena nos traz a idéia de um olhar tenaz e persistente sobre estes corpos. Entretanto, ela também oferece o tom da trama: a de corpos que correm, movimentam-se dificultando a fixação deste olhar. Corpos que escapam.

Com a chegada dos visitantes, Alex se esconde. Tem medo. Medo do olhar que não lhe compreende, a não ser como monstruosidade, falha ou impossibilidade lógica. Terror do olhar do especialista, que percebe seu corpo como um erro a ser corrigido para que se restabeleça a ‘harmonia’ e a possibilidade de uma “vida sem sofrimentos” dentro dos padrões binários de compreensão dos corpos e do gênero.

Para ele, este corpo não é “íntegro”; ele não se integra e sua falta de integração é causa da doença e da necessidade de intervenção. Portanto, é a integridade de Alex como sujeito que está em questão; sua viabilidade ou não dentro dos esquemas de compreensão elaborados a partir da instauração dispositivo da sexualidade (Foucault, 1976), impondo a repartição dos corpos a partir da lógica binária do masculino/feminino.

Thomas laqueur (1992) nos fornece condições para o questionamento deste estatuto de apriori histórico e cultural dado ao “sexo” ou - talvez fosse melhor definir – ao “sexo” como “dado”. Para ele, a idéia da existência de dois sexos anatomicamente diferenciados, através do qual se distinguem dois tipos diferentes de sujeitos – machos ou fêmeas – nasce somente a partir do século XVIII. Antes disso vigorava a idéia do sexo uno, a qual postulava a existência de somente uma anatomia, entendida através do modelo do órgão sexual masculino. Desta forma, os órgãos sexuais da mulher não eram compreendidos como compreendendo diferenças significativas daquele do homem: nela ele se apresentava de forma invertida.

Esta última idéia era tributária ao modelo grego, em que as “diferenças” morfológicas hoje percebidas, eram concebidas enquanto “semelhanças”, ou seja, homens e mulheres não eram concebidos como dois corpos biologicamente diferenciados, embora o gênero se apresentasse em duas possibilidades. A distinção entre homem e mulher não era então percebida em termos de uma natureza intrínseca, mas em grau de perfeição, onde a mulher ficava em desvantagem. É a partir do século XVIII que a idéia de dois corpos (masculino e feminino) vistos como pertencentes a naturezas e morfologias distintas passa a progressivamente emergir no cenário ocidental. A partir deste momento, o olhar sobre a anatomia, o entendimento de que havia duas genitálias morfológica e fisiologicamente distintas passa a determinar a que gênero cada indivíduo pertence.

Como dissemos acima, é a partir do século XVIII que Michel Foucault aponta a emergência do dispositivo da sexualidade, um aparato complexo de poder que passa a incitar a proliferação discursiva sobre o sexo. Por dispositivo da sexualidade Michel Foucault compreende:

“(…) um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. (...) o dito e o não dito (...)”. (Foucault, 1979b, p.244)

E, que

“(…) funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder (...) e que (...) tem como razão de ser (...) proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar os corpos de maneira cada vez mais detalhada, controlar as populações de maneira cada vez mais global.” (Foucault, 1976, p. 101).

Este aparato historicamente contextualizado faz parte de uma rede complexa de regulação social que organiza e modela os corpos e comportamentos individuais. Segundo Jeffrey Weeks (2001), este dispositivo relaciona-se com o desenvolvimento da sociedade disciplinar que é característica das formas modernas de regulação social. O poder não é proibição, mas “administração da forma e do cultivo da vida” (p. 51). O sexo torna-se o meio de regulação ideal pelo qual o poder investe os corpos e meio pelo qual as tecnologias da gestão da vida próprias à biopolítica se desenvolvem conjuntamente com a formação do estado moderno. O sexo, significado a partir de sua íntima correlação com a sexualidade,

torna-se o lócus onde encontramos a nossa verdade. Sendo assim, não é somente o corpo de Alex que é ameaçado, mas sua inteligibilidade enquanto sujeito.

Para Judith Butler (1990; 1993; 2001) a assunção de um “sexo”, ou a assunção de um “gênero” é uma das operações fundamentais para o surgimento do sujeito, visto que ninguém chega a existir sem que assuma um de seus termos: o masculino ou o feminino. Para ela, o gênero constitui uma modalidade de regulação específica que tem efeitos produtivos na subjetividade. As regras que governam sujeitos inteligíveis são parcialmente estruturadas a partir de uma matriz que estabelece uma hierarquia entre o masculino e o feminino e a heterossexualidade compulsória. Portanto, o gênero não é nem a expressão de uma essência interna biológica, nem uma simples construção social, como se poderia observar nos argumentos essencialistas e construtivistas respectivamente. O gênero é uma norma (Butler, 2004). Ou seja, a univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero, são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder que convergem sobre os corpos.

É o olhar do especialista (o cirurgião) que parece inaugurar, metaforicamente, a proliferação dos discursos biomédicos gendrados sobre o corpo de Alex. No entanto, podemos perceber que este olhar já está ali desde o princípio, desde o momento em que foi diagnosticada como possuindo genitália ambígua, no momento em que sua condição é revelada na comunidade onde vive. São olhares que convergem sobre o corpo de Alex, mas que, de certa forma, se diferenciam. Ao se fixarem sobre sua imagem, estes compartilham a atribuição de um significado para este corpo: o de que ele é uma impossibilidade lógica, uma quimera, talvez. Para o pescador, morador do vilarejo onde Alex e seus pais residem, este “corpo estranho” toma formas de “monstruoso”. Para o especialista, entretanto, ele pode significar também um corpo doente, incorreto e que, se não tratado e corrigido, adoecerá também a vida psíquica e social do sujeito materializado neste corpo.

Como nos informa Paula Sandrine Machado (2005), em sua pesquisa sobre as tomadas de decisões de médicos sobre os destinos de crianças intersexuadas, o olhar médico vê os genitais de crianças sexuadas não propriamente como monstruosos, mas como incompletos para os padrões de feminilidade ou masculinidade. “Trata-se de restaurar uma natureza incompleta” (Machado, 2005, p.280). Portanto, os investimentos médicos, neste sentido, buscam restabelecer um padrão estético e funcional o mais próximo possível de um ou outro sexo. Quando se trata de tomar a decisão de “para onde ir”, entram em cena geneticistas, endocrinologistas, cirurgiões, psicólogos, que vasculham o sujeito desde a aparência de sua genitália até a ordem dos cromossomos, procurando definir o “verdadeiro” sexo criança. A verdade deste sexo deve ser inequívoca, para que não se cometam “erros”. Ainda segundo Paula Sandrine Machado (2005), o que chama a atenção neste tipo de processo é que a tomada de decisão sobre que “sexo” construir é sempre permeada por averiguações da possível funcionalidade destes genitais, ou seja, que um pênis tenha a capacidade de penetrar e, no caso das meninas, a possibilidade de serem penetradas e de manterem funções reprodutivas. Desta forma, percebe-se o quanto estes procedimentos “corretivos” são, na verdade, normalizantes e a serviço de um imperativo heterossexual, o qual vai cercar os limites do que este corpo pode ou não fazer e de como este corpo, esta “natureza” construída, poderá ser usado. Estranho paradoxo: pensada, planejada, desenhada, fabricada, a natureza do sexo vai sendo construída no chão da fábrica do hospital. Natureza manufaturada com base nos modelos ideais de masculino e feminino vigentes na cultura, os quais vão definir o gendramento dos corpos.

Uma cena do filme é particularmente importante para compreender esta “construção do sexo como natural”: a cena em que Alex, e o adolescente Álvaro (filho do cirurgião), em pleno intercuro sexual, são surpreendidos pelo pai de Alex. Naquela relação sexual algo surpreende: o fato de que é Alex quem penetra o corpo de Álvaro. A visão desta cena provoca imediatamente desconforto e desespero tanto no pai de Alex, como em Álvaro e na própria Alex, criada até então como menina.

A experiência é vivida pelo pai como uma espécie de esfacelamento da identidade feminina da filha, e ele logo se pergunta se é “ser menina” o que Alex realmente quer ser. Afinal, para “ser” ela deve se colocar em um dos dois lados do jogo binário. Isto demonstra o quanto as práticas sexuais de caráter heterossexual estão em jogo quando se trata de caracterizar alguém como sendo verdadeiramente mulher ou homem e o quanto isto embaralha as concepções amalgamadas de uma continuidade/coerência entre corpo/sexo/sexualidade, no sentido em que, ainda que sua genitália não corresponda ao ideal normativo, existe uma expectativa no pai de que, tendo sido criada como uma menina, é Alex quem deveria ser penetrada.

Para Alex, o olhar do pai também lhe coloca a questão: quem, afinal, ela é? Logo após a cena, Alex olha-se no espelho, procurando compreender e dar algum sentido àquele corpo que é olhado e entendido na cultura como anormal. É claro que a própria percepção de quem ela é, é atravessada pelos regramentos relativos ao gênero e pela heteronormatividade.

“Este “eu” não pode sustentar-se fora da matriz de normas éticas e enquadramentos morais conflitantes. De uma forma importante, esta matriz é também a condição de emergência deste “eu”, mesmo que este eu não seja totalmente induzido por estas normas. Não podemos concluir que este “eu” seja simplesmente o efeito ou instrumento de um ethos anterior ou de um campo de normas descontínuas e conflitantes. Quando um “eu” busca dar um relato de si, ele pode começar consigo mesmo, mas encontrará que este ‘si mesmo’ está já implicado em uma temporalidade social que excede sua própria capacidade de narração; assim, quando um “eu” busca narrar a si próprio, deve incluir as condições de sua própria emergência (...)” (Butler, 2005, p. 7)¹

Assim, quando ela grita “**soy un monstr**o”, é por meio deste grito que ela se nomeia. Nomear-se, oferecer uma narrativa de si pode ser compreendido a partir da ideia de citacionalidade (Butler, 1993), ao mesmo tempo em que se constitui como um ato performático. Ao se reconhecer como um monstro, Alex recorre às possibilidades presentes na cultura para poder falar de seu corpo e de si; seus genitais só podem ser vistos como ambíguos ou como uma aberração porque não correspondem nem ao pênis e nem à vagina, únicas possibilidades culturalmente viáveis para legitimar o sentido do olhar, para que aquilo que é visto seja inteligível. Assim, pelo menos até este momento, Alex só pode ver-se, narrar-se e significar seu corpo sob a valência daquilo que Judith Butler (1993; 2001) chamou de “corpo abjeto”.

¹ Livre tradução da autora.

Quem pode ser humano? o processo de abjeção dos corpos e dos sujeitos que escapam

Quem pode ser humano? Esta pergunta pode causar certa estranheza, principalmente porque, em princípio, pensamos ser “humano” qualquer um que nasça dentro do que se determinou ser a espécie humana. No entanto, para Judith Butler, parecem existir limites para quem pode ser considerado humano, e que existem alguns corpos, alguns sujeitos, que habitam as margens do “humano”.

Neste ponto, outra cena pode ser evocada: a cena em que o pai de Alex discute com o pai de um amigo da personagem, e a quem ela havia confidenciado sua condição. Nesta discussão, em que o pai do amigo reclama do fato de Alex ter quebrado o nariz do filho (o que ocorre no momento em que esta faz sua revelação) este pai fala: **“vão embora, aqui já existem espécies demais!”** A referência era feita a Alex, a espécie em questão, era ela e seu corpo, considerados como não humanos.

Como afirma Judith Butler (2001; 1993), a norma heterossexual e o imperativo binário do gênero existem, em contraposição, a criação do campo da anormalidade, pois estes imperativos possibilitam certas identificações sexuadas e impedem outras, numa operação de exclusão que forma um avesso constitutivo da norma, constituindo um domínio de vidas consideradas como menos válidas,

(...) “esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto significa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito.” (Butler, 2001, p. 155).

É importante perceber o quanto para as normas de gênero e da heterossexualidade compulsória - que estabelecem que um corpo, com uma determinada anatomia, deve expressar-se como sendo feminino ou masculino e que, por conseguinte, deve expressar um desejo pelo gênero/sexo oposto - este domínio de “quase sujeitos” é importante. É através daquilo que é considerado como desviante e patológico que a norma constitui e estabelece as fronteiras do normal e do patológico. Mas não, é claro, sem investimentos contínuos e reiterados, pois se existem sujeitos onde a norma falha, isto quer dizer que ela não é fixa e muito menos, natural.

Judith Butler (2004, 2002) afirma que a forma pela qual se confere humanidade a alguém é socialmente articulada e passível de mudança. No entanto, os termos que conferem o caráter de humano a alguns, são exatamente aqueles que desumanizam outros, produzindo uma diferenciação entre os “mais humanos” e os “menos humanos”. É isto o que a autora chama de processo de abjeção.

Ao expor o conceito de abjeção, Judith Butler, em resposta a Prinz e Meijer (2002, p.163), afirma que devemos encará-lo como um processo, sem nos fixarmos em figuras pré-estabelecidas. Para ela, assim como para Michel Foucault, torna-se importante o lugar que determinado sujeito ocupa no discurso, já que “este habita os corpos”. Assim sendo, a questão da abjeção pode ser vista como articulada a questão do esquadramento do humano que:

“(...) é um problema de saber que relações de vizinhança, que tipo de armazenamento, de circulação, de localização, de classificação dos elementos

humanos se deve manter, preferentemente, em tal ou qual situação para alcançar tal ou qual fim” (Foucault, 2001, p.1573).

E qual lugar Alex habita no discurso neste momento? No olhar psicomédico, ela ocupa o lugar da incompletude, da doença, sendo o seu corpo um espaço que deve ser “arreglado”, para usarmos o termo espanhol, que acreditamos encaixar-se perfeitamente neste momento. Ela também habita o lugar do monstruoso, da espécie não humana no imaginário popular. Ocupa, ainda, as prateleiras do sexo bizarro ou do ‘trans’ no mercado pornográfico. Certamente, esta posição de sujeito-abjeto ultrapassa os muros do hospital ou as paredes do consultório.

Estes lugares - que poderiam ser chamados de lugares de coisificação do indivíduo - fazem com que sua integridade física, seu corpo, sua alma sejam alvo dos mais variados tipos de violência: desde o olhar curioso - que se julga no direito de poder ver a “aberração”- a violência do bisturi (que Alex percebe como um instrumento de mutilação), da agressão verbal e, por fim, da agressão física. Assim, em uma das cenas, quando a notícia de sua “deformidade” já corre solta pelo vilarejo, Alex é atacada por alguns rapazes que demandam que ela lhes mostre “o que tem entre as pernas”. Assim vemos que a violência, que coisifica o outro e o coloca em uma posição de inferiorização, é um dos meios pelos quais a norma restabelece seu domínio.

O corpo como sítio de disputa, o corpo como lócus de resistência

Após a cena de violência perpetrada contra Alex, assistimos a dois diálogos: um entre Alex e sua mãe; outro entre Alex e seu pai. Na conversa com a mãe, que em cenas anteriores se angustia com o fato de Alex não estar mais tomando os corticóides que impediriam o processo de virilização de seu corpo, Alex declara: “nada mais de remédios, nada mais de cirurgias”. A mãe parece apreensiva, mas concorda. Na outra, o pai lhe pergunta se ela gostaria de denunciar a violência da qual foi vítima, ainda que isto implicasse na explicitação do ‘segredo de seu sexo’. Alex responde: “sim, deixe que todos saibam”. O pai parece consentir com sua decisão embora, como podemos imaginar, esta atitude certamente acarretaria uma luta constante contra os significados que a colocam no campo da abjeção.

A análise do filme permite refletir sobre a importância dos discursos na constituição dos sujeitos e de seus corpos: trata-se de sua materialidade e de sua capacidade de produzir os objetos, ou, parafraseando Judith Butler (2002) os “abjetos”, dos quais fala. Estes discursos são constituídos e constituintes de relações de poder que engendram campos de saber. Eles fazem parte de um espaço de lutas onde os indivíduos interagem e se constituem, através de mecanismos que asseguram a credibilidade e a naturalidade dos discursos. (Foucault, 1976).

Os discursos, portanto, são relações de poder que, longe de somente atuarem oprimindo e dominando subjetividades e corpos, operam na sua construção. O poder deve ser entendido como uma relação de forças, que tem as características de “incitar, induzir, produzir, desviar, tornar fácil ou difícil, limitar, ampliar, tornar mais ou menos possível” (Foucault, 1995, p. 243). Na perspectiva de Foucault, o poder não é algo que alguém ou um grupo detém, mas algo que circula, que funciona em rede, fazendo com que o sujeito não seja exterior a ele, mas um de seus efeitos. Opondo-se a idéia de um poder centralizado e sempre negativo, Michel Foucault estabelece a interdependência do poder e da liberdade,

visto que ele, como ações sobre ações dos outros, “só pode ser exercido sobre sujeitos livres”. (Foucault, 1982, p. 243).

É neste sentido que podemos falar de resistência. Para Foucault a resistência se dá necessariamente onde existe poder:

“porque ela é inseparável das relações de poder; acontece que ela funda as relações de poder, da mesma forma que ela é o seu resultado; na medida em que as relações de poder estão em todos os lugares, a resistência é a possibilidade de cavar os espaços de luta e criar as possibilidades de transformação por todos os lugares.” (Revel, 2002, p. 53)

Até aqui, vimos que o corpo é o lócus onde a história se inscreve, local de disputa de significados, onde se exercem forças que o talham, definem seu destino e seus prazeres. No entanto, a partir de nosso entendimento das decisões tomadas por Alex e seus pais, propomos que o corpo possa ser também o local de onde pode surgir a resistência aos regramentos assujeitadores das normas de gênero. Ao recusar mais intervenções médicas em seu corpo e sua vida, Alex parece fazer de seu corpo o local de onde pode tentar inverter as regras do jogo. Talvez pudéssemos dizer que Alex busca fazer do próprio corpo, aquilo que Michel Foucault (2001) chamou de heterotopia – a invenção de um espaço outro - não um lugar definido por uma utopia caracterizada pelo sonho de um mundo melhor e livre, mas um lugar de luta e contestação. Que lugar melhor que este corpo que, ao romper com os grilhões que o aprisionam, tem a oportunidade de tornar-se “outro”? Certamente não outro fora dos fluxos contínuos de relações de poder, mas numa alteridade lugar-corpo mais afirmativa, menos assujeitada.

Embora aparentemente se localize materialmente no corpo de Alex, a resistência remete também aos sistemas de reconhecimento centrados na nomeação gendrada, os quais limitam as possibilidades de existência a um “a” ou um “o”. Esta questão se faz presente na resenha crítica feita ao filme pelo pesquisador e ativista intersexual Mauro Cabral (2008). Para ele, mais importante do que definir se é mais conveniente usar o artigo feminino ou masculino para nomear a personagem do filme, seria refletir a cerca dos efeitos de normalização restritiva produzida pelos modos disponíveis de nomear. Afinal de contas, a partir do que nomeamos um sujeito como “a” ou “o”? Por conta de sua anatomia? Pelo seu desejo? Por sua performance de gênero?

Notas finais...

O cinema inventa a vida ou, quem sabe, a reinventa? Ao mesmo tempo em que o cinema é um produto da cultura, ele nela intervém. Guacira Louro (2000) afirma que o cinema é uma importante ferramenta pedagógica porque produz identidades culturais ilustrando formas de ser e viver em determinados contextos culturais. Por sua vez, Teresa de Lauretis (1987) afirma que o cinema determina não o que está sendo visto, mas aquilo que somos capazes de ver. Ela postula que a subjetividade gendrada do espectador está implicada e é construída (como uma auto-representação) na linguagem cinematográfica. Portanto, podemos dizer que este filme é possível porque existe um movimento social importante de contestação da normalização das identidades de gênero e da sexualidade, ao mesmo tempo em que ele possibilita intervir na disputa de significados. No interior desta disputa, Cabral (2008) argumenta que a importância do filme reside precisamente em “suspender o sentido”.

A história de Alex coloca em suspenso nossas concepções de sujeito, nos faz pensar nos intensos investimentos culturais que se fizeram sobre nós e que nós fizemos sobre nós mesmos no ato redutor de nos tornarmos mulheres e homens. Ao assistirmos XXY, somos convidados a refletir acerca de como estes investimentos constituíram nossos corpos, os transformaram, os significaram, definiram nosso olhar sobre eles. Não teria sido apenas por uma jogada discursiva que os corpos tidos como “normais” não tenham sido alvo do ávido bisturi? Se todos nós somos alvo das pedagogias que as normas de gênero aplicam sobre nós, não teríamos razão para pensarmos que somos todos operados?

Concepções normativas e cristalizadas de gênero, conjuntamente com a imposição da heterossexualidade compulsória (como o pressuposto de que todos, salvo erro, somos heterossexuais) são atos/construtos intimamente interconectados e plenamente vigentes nas sociedades ocidentais. A norma que impõe a coerência sexo-gênero-sexualidade a partir da matriz heterossexual tem definido hierarquias entre os sujeitos e não raro tem condenado a violação dos corpos, a invisibilidade social e a uma vida nas margens para aqueles sujeitos e corpos que se situam no seu avesso. A reflexão acerca das regras de produção de vidas mais ou menos válidas é necessária para que possamos pensar no que estamos nos tornando ou no que desejamos ser, no que queremos para nossas vidas e que queremos para nossa sociedade.

Para terminar, recorreremos a Michel Foucault, para quem a luta pelos corpos é o que faz com que a sexualidade seja um problema político (Revel, 2005). Sendo esta uma luta política, podemos pensar no questionamento feito por Mauro Cabral, em palestra no dia 15 de julho de 2008 na faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre (Brasil): Podemos nos apropriar de nossos corpos?

Uma resposta objetiva para esta questão talvez não seja a melhor forma de enfrentá-la; deixá-la em aberto pode ser uma forma mais frutífera de abordagem. Recorrendo novamente a Foucault, talvez a maneira mais pungente de exercício de liberdade como forma de (re)construção ética de nós mesmos seja a contínua reflexão sobre nosso presente e dos assujeitamentos que orquestram nossas possibilidades de vir a ser.

Referencias

- Butler, Judith. (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Butler, Judith. (1993). *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- Butler, Judith (2001). Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Em Guacira L. Louro (Ed.). *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade* (pp.153-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, Judith. (2002) Entrevista a Prins, B; Meijer, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 155-167.
- Butler, Judith (2004). *Undoing Gender*. New York, Routledge.
- Butler, Judith (2005) *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press.

- Cabral, Mauro & Benzur, G. (2005) Cuando digo intersex: un diálogo introductorio a la intersexualidad. *Cadernos Pagu*, 24, 283-304
- Cabral, Mauro (2008) *No saber - acerca de XXY*. Resenha Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=3958&sid=11> Acesso em 10/09/2009.
- De Lauretis, Teresa. (1987) *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press.
- Foucault, Michel. (1976) *A história da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1998.
- Foucault, Michel. (1978) *Herculine Barbin, chamada Alexina B*. Madrid: Revolución, 1985.
- Foucault, Michel. (1979a) Nietzsche, a genealogia e a história. Em Michel Foucault e Roberto Machado (org.), *Microfísica do poder* (pp. 15-37). Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- Foucault, Michel. (1979b) Sobre a História da Sexualidade. Em Michel Foucault e Roberto Machado, Roberto (Org.) *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007
- Foucault, Michel. (1982). O sujeito e o poder. Em: H.Dreyfus e P.Rabinow. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- Foucault, Michel. Des espaces autres (2001). Em *Dits et Ecrits II, 1976-1988*. França: Gallimard.
- Laqueur, Thomas. (1992) *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.
- Louro, Guacira. (2000) O Cinema Como Pedagogia. Em: Eliana Lopes e outros (Orgs.). *500 Anos de Educação no Brasil* (pp. 423-446). Belo Horizonte: Autêntica.
- Machado, Paula Sandrine. (2005) O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, (24), 249-281.
- Revel, Judith. (2002) *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- Weeks, Jeffrey (2001) O corpo e a sexualidade. Em, Guacira L. Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 35-82). Belo Horizonte: Autêntica.

Historia editorial

Recibido: 02/03/2009

Aceptado: 08/10/2009

Formato de citación

Monteiro, Luciana Fogaça y Nardi, Henrique Caetano (2009). Operações de Gênero. *Athenea Digital*, 16, 35-46. Disponible en <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/625>.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)